

CAFÉ DA MANHÃ NO HOTEL

O Doutor Mendes selecionava duas fatias de mamão papaya dentre a enorme variedade de frutas do buffet do hotel, quando adentraram no salão duas jovens de mãos dadas, provavelmente adolescentes, a julgar pelos montes de pulseirinhas, presilhinhas, miçanguinhas, mochilinhas e demais “inhas” que compõem o visual desses seres em particular. Mendes as olhou de relance e voltou aos seus mamões.

Após criteriosa escolha, adicionou também ao seu prato uma fatia de melão, encheu um copo com suco de laranja e, dirigindo-se para sua mesa, não teve como não notar o “selinho” que as garotas trocaram na frente das fatias de melancia. Tal cena, por já banal nestes tempos, não deveria merecer tanta atenção por parte dele, mas as protagonistas eram de uma beleza ímpar.

Demorou-se na contemplação do momento mais do que a atual convenção social julgaria aceitável, o que lhe valeu um olhar de reprovação das duas. Sentou-se em sua mesa e pôs-se a comer. As meninas, em evidente ato desafiador, sentaram-se na mesa ao lado da dele e começaram a colocar na boca uma da outra moranguinhos, pesseguinhos, cajuzinhos...; entre um “inho” e outro, Mendes as entreolhava, sem conseguir evitar. Uma delas, morena, olhos verdes, cabelo liso na altura da cintura, portando-se como a dominante, alfinetou o hóspede:

- Incomodamos?

Mendes já vira esse filme. Em geral, aquela que assume o papel ativo na relação, quando se sente ameaçada por um “competidor” masculino, adota uma postura agressiva, como meio de compensar a desvantagem que acha que tem. Ele respondeu naturalmente:

- Eu não diria que incomodam. Mas com certeza causam certa distração nas pessoas.

- Com “distração” quer dizer “diversão”? Acha que divertimos as pessoas? - disse a morena, segurando a mão da sua garota com firmeza.

- Quero dizer que chamam a atenção, só isso.

- Por sermos lésbicas? - disse a passiva, esperando desconcertá-lo.

- São mesmo? - disse Mendes com firmeza, parando de comer e olhando-as diretamente.

- Não é óbvio? - indignou-se a morena.

- Óbvio? Não. No caso de vocês é tudo, menos óbvio.

A passiva, que já não poderia ser chamada assim agora, largara a mão da morena, sentara-se ereta na cadeira, deixara seus “inhos” e “inhas” de lado e inclinara-se em direção ao hóspede:

- Senhor, explique-se, por favor. Agora fiquei curiosa.

- “Môre”, vamos subir pro quarto. Deixa esse cara pra lá. A gente pede o café na cama... - pejejou a morena, pressentindo que sua segurança começava a escorrer pelos dedos.

- Olhem-se - ordenou Mendes com um gesto da mão. - Cadê a “caminhoneira”?

- Como assim?!?! - levantou-se a morena, imediatamente sendo puxada

pela “passiva”.

- Senta! Moço, “qualé”? Porque nossa opção sexual te incomoda?

- Olha, isso vai dar em lugar nenhum. Foi um prazer. Sejam felizes, ok? - disse Mendes levantando-se.

- Ahhh, não! Não vai fugir não. Esse tipo de opinião me tira do sério. Faça melhor que isso, por favor! - posicionou-se a “passiva”.

Ela era de uma beleza irresistível. Nem alta, nem baixa, nem magra, nem gorda, longos cabelos cacheados, ruivos, de um vermelho suave, olhos cristalinos e corpo absolutamente perfeito. A morena também era bonita, mas essa menina era exótica, de uma forma intrigante. Isso pesou na decisão de Mendes.

- Ok, podemos tentar de novo. Vamos conversar um pouco, se quiserem. Mas não poderei me estender, tenho um compromisso para daqui a pouco. Eu sou o Doutor Mendes, médico obstetra e especialista em genética médica. Muito prazer - disse sorrindo e estendendo a mão em direção a elas.

Morena: - Hã... Prazer. Cláudia.

“Passiva”: - Prazer. Sofia.

- Sofia. “Sabedoria” ou “A sábia”. Significado de nomes é um dos meus hobbies. Sabia disso, do significado de Sofia? - perguntou Mendes, aliviando o assunto para desarmar as garotas.

- Mesmo? Não, não sabia. Achei que fosse uma santa, por causa da Basílica de Santa Sofia, em Istambul. Minha mãe estava grávida de mim quando estive lá e gostou do nome.

- É uma confusão comum, mas a basílica homenageia a Sabedoria em si, com “s” maiúsculo, entende? Deus. Também estive lá, é um lugar lindíssimo.

- Gostaria de ir um dia. Sabe, de dentro da barriga da mamãe não deu pra ver muita coisa - disse Sofia rindo e olhando para Cláudia.

Mendes percebeu que ela começava a deixar transparecer a adolescente que era: inteligente e curiosa. Ele aproveitou:

- Faça isso. Mas, um conselho: não vá de mãos dadas com a Cláudia e muito menos troquem “selinhos”, ok? O Oriente não vai entender isso muito bem...

- Acho que podemos fazer isso. Afinal, parece que sequer convencemos você do nosso lesbianismo... Eles também não vão levar pra esse lado, não é? - provocou Cláudia, deixando transparecer um certo grau de ciúmes.

- Preciso perguntar: sentem atração por garotos?

- São babacas demais! - apressou-se em dizer Cláudia.

- É. Muito imaturos. Não dá. Acham que somos descartáveis - disse Sofia, num tom carregado de desapontamento.

- Não perguntei o que acham deles - disse Mendes firmemente, indagando-se que tipo de imbecil descartaria uma mulher como aquela. - Perguntei se têm desejo por eles.

- Hummm... ... não posso dizer que não tenho - reconheceu Sofia.

- Acho que sim. Quer dizer, tenho, mas eles sempre fazem tudo errado, são broxantes! - disse Cláudia, visivelmente contrariada.

- É. Entre nós tem mais “troca” - disse Sofia, fazendo com os dedos o sinal de aspas.

- Então... ??? - Mendes procurava fazê-las refletir.

- Então o quê? Nós optamos por não nos relacionarmos com eles. É nosso direito escolhermos nossa vida sexual - disse Cláudia.

- Sem dúvida, é nisso que vocês acreditam, já que cresceram com essa bandeira hasteada. Sofia, o que seus pais acham da sua “opção”? - disse Mendes, imitando o gesto das aspas que ela havia feito.

- Eles dizem que se eu estiver feliz, é o que importa. Porque colocou opção entre aspas? - e fez o gesto de novo.

- Seus pais deram essa resposta pra evitar conflito. Significa que não aprovam, mas, afinal, é a sua vida. Eles sabem que você terá que descobrir por si mesma o caminho que quer seguir.

- Doutor... opção? aspas?... - interveio Cláudia.

- É difícil acreditar que alguém possa optar por ter um desejo, afinal, ele (o desejo) já está dentro de você, essencialmente na química do seu corpo, você não tem controle sobre senti-lo, você simplesmente sente. Opção implica em uma reflexão que leva a uma escolha e isso, no caso do desejo, só se aplica a aceitá-lo ou negá-lo, não a tê-lo.

“Vocês têm desejo por garotos, isso não é opcional, é inato, mas por razões que consideram válidas, estão negando-o. Uma pessoa do sexo feminino que nasceu homossexual provavelmente sentirá repulsa pelo sexo masculino, muito embora tenha forte tendência a se comportar como este, só que de forma quase sempre exagerada e estereotipada: a “caminhoneira”, lembram?”

“Disso deriva seu fenótipo, que é um termo da genética usado para descrever as características observáveis de um organismo. E essa pessoa morrerá homossexual, há um determinismo biológico aí. Ela não tem “opção”. ”

Mendes fez o gesto de aspas de novo.

- Acha então que, porque não somos caricaturas de homens, nosso desejo de uma pela outra é falso? - indignou-se Sofia.

- Estou dizendo que o desejo de uma pela outra não é inato, não que não é verdadeiro. Não há em vocês misandria e nem há fenótipo peculiar de lésbicas. Duvido que haja desordem hormonal. Vocês são produto da atual cultura da sociedade, que incentiva a pansexualidade. Em outro contexto social, superaríamos suas frustrações com os meninos e pronto.

- Não sei se entendi - disse Cláudia.

- Vocês são fumantes, certo?

- Somos - respondeu Cláudia insegura, olhando para Sofia, que balançou a cabeça afirmativamente.

- Por que presumiu isso tão seguramente? - desconfiou Sofia.

- O cheiro da nicotina está aí. Vocês não sentem mais, mas, acreditem, os outros sentem. Gostaram da primeira vez que experimentaram um cigarro?

- Não gostei - disse Cláudia.

- Detestei - disse Sofia.

- Quando eu fui experimentar - disse Mendes -, me senti como se tivesse colocado a boca no escapamento de um carro que estava acelerando: tossi sem

parar por uma eternidade. Nunca mais cheguei perto de um cigarro. Mas vocês são fumantes. Por que insistiram?

- Bom... todo mundo da turma fuma, então... - encolheu-se Sofia.

- O meio, Sofia - disse Mendes, fazendo um gesto horizontal circular no ar com as mãos. - A mídia influencia o meio e o meio nos influencia e nos leva a adotar comportamentos que, em outras circunstâncias, provavelmente rejeitaríamos. Hoje vocês sentem prazer em fumar. Mas esse prazer nunca foi inato. Vocês se condicionaram. Entenderam?

Mendes percebeu que agora era alguém com quem as garotas poderiam aliviar suas angústias. De repente, sentiu o peso da responsabilidade, pois vira o quão frágil era o conjunto de valores delas. Precisava ser cuidadoso. Aquela conversa casual deixara de sê-lo, dando lugar a uma investigação comportamental com caráter científico. Agora, ELE esperava aprender com elas. Instalara-se uma rara oportunidade de feedback espontâneo, livre das interferências dos ambientes controlados dos estudos.

Sofia, tentando se encontrar naquele monte de informação, perguntou:

- Doutor, se você disse que: o desejo é o desejo e pronto; que não se opta por ele, só cabe lidar com ele; e eu e a Cláudia não somos lésbicas "legítimas", já que não temos repulsa pelos meninos e nem nos portamos como "caminhoneiras"; onde a gente fica nisso tudo?

- Martele alguma coisa por tempo suficiente e isso acabará entrando na sua cabeça. Se é que posso dizer assim, vocês não são homossexuais, vocês estão homossexuais. Condicionaram-se a isso, por influencia externa. Mas isso as realizará em sua essência? - disse Mendes, observando a cara de interrogação instantaneamente formada nas meninas. - Sofia - continuou -, seus pais lhe disseram para ser feliz. Eu não estou interessado no "caso" que vocês estão tendo, que envolve, nessa idade, uma boa dose de curiosidade. Eu estou pensando na sua decisão de vida. É essa pessoa que você deseja ser? Já olhou para seu futuro com a Cláudia?

Cláudia ajeitou-se na cadeira, inclinou-se para frente, puxou a mão de Sofia para junto de si e aguardou a resposta com indisfarçável ansiedade.

- Pra ser sincera, não fui muito longe no futuro. Nós nos damos muito bem, então, acho que estamos deixando rolar. Queremos curtir muito e ter prazer. Até agora, estou feliz - disse Sofia, esfregando a mão de Cláudia e olhando-a nos olhos.

- Digo o mesmo - apressou-se Cláudia em se posicionar.

- Vão comprar esperma na internet? - disparou Mendes.

As feições delas derreteram. Sem dar tempo a elas, emendou:

- O futuro trará essa questão. Não pensaram em filhos?

Mendes forçou intencionalmente os limites. Cláudia agora espremia a mão de Sofia, cujo rosto estava ficando rubro. Mendes levou a mão direita ao bolso interno esquerdo de seu blazer, pegou seu celular e mostrou para as duas a foto de uma criança.

- Este é meu filho, Lucas, de dois anos. Lucas significa "iluminado". Eu e minha mulher o concebemos. O que isso diz sobre o relacionamento de vocês?

- Por que acha que temos que querer filhos? - disse Sofia, agora em tom

desafiador.

- Não têm que querer. Se vocês fossem homens, eu não estaria colocando esta questão. Novamente, vou pedir a vocês: olhem-se! Vocês são, literalmente, fábricas de bebês. Tudo no seu corpo foi projetado para isso. Por mais que rejeitem a definição, são fêmeas, e essa questão surgirá mais cedo ou mais tarde, é um imperativo biológico, não social. A esse desejo também só se aplica aceitá-lo ou negá-lo, não tê-lo.

Sofia surtou:

- Está tentando nos fazer acreditar que nosso relacionamento é antinatural, igual meus pais. Não somos vacas leiteiras procriadoras. Eu cheguei a achar que você tinha algo a dizer! E, além do mais, não precisamos de nenhum macho inútil pra gerar filhos, se quisermos!

- Estão enganadas. Usarão laboratórios, agulhas e tubos de ensaio, sim, mas precisarão do espermatozoide, que virá então de um anônimo. Ora, não sejam ingênuas. Que tipo de macho fica se punhetando numa salinha pra gozar num copinho em troca de alguns trocados? Estão menosprezando o futuro, de novo. A célula que conseguirão facilmente para fecundar seus óvulos terá sabe-se lá qual memória genética, ou seja, pode vir de uma pessoa perturbada, esquizofrênica, psicopata, sociopata ou simplesmente muito feia.

“Não há exame que garanta imunidade a mutações aleatórias. E não há garantia de que, no futuro (sempre ele), seu filho ou filha não venha, por obra do puro acaso, com uma ajudinha da globalização e da lei da probabilidade, a apaixonar-se por um meio-irmão, já que cada “doador” pode ter uma gestação de criança de sexo diferente numa área de um milhão de habitantes.

“Acreditem, seus pais querem que sejam felizes. Eu disse que isso passa por realizarem-se em sua essência. A relação de vocês pode ser divertida agora, mas elimine a intervenção da ciência, da qual sou agente, não se esqueçam, e verão que ela não faz sentido algum perante a Natureza. O relacionamento de vocês só faz sentido para os hedonistas, mas cuidado, porque o futuro destes é imensamente vazio. O sentimento de realização nunca irá chegar, pois a busca pelo prazer é insaciável.”

Sofia estava bicuda e com os braços cruzados. Foi Cláudia quem falou:

- Não somos animais. Não somos “fêmeas” e “machos”. Somos humanos. Dominamos a natureza e desvinculamos sexo de procriação.

- Essa ideia é uma ilusão. Não dominamos nada. E se houvesse sensação de realização no sexo pelo sexo, prostitutas e atores de filmes pornográficos seriam as pessoas mais felizes do mundo. E posso lhes garantir que não são.

Mendes levantou-se e começou a pegar suas coisas para se retirar quando Cláudia inusitadamente tocou sua mão.

- Espere. Eu gostaria de fazer mais uma pergunta.

- Eu acho que se nossa conversa continuar acabarei sendo rude e ofendendo-as, se já não o fiz. Isso não condiz comigo - disse Mendes, visivelmente contrariado.

- O que significa Cláudia?

Mendes foi pego de surpresa.

- É “aquela que apoia”. Eu preciso mesmo ir. Sejam felizes.

Dirigindo-se ao elevador, Mendes deu uma última olhada para trás e viu as garotas observando-o. Elas acenaram timidamente, e ele retribuiu da mesma forma.

Entrou no elevador pensando no verdadeiro significado do nome Cláudia: “coxa” ou “manca”.